# EDITORIAL (Junho 2010)

Deolindo Amorim, fundador do Instituto de Cultura Espírita do Brasil, referia-se continuamente sobre a responsabilidade pessoal. Enfatizava que o homem é responsável pelos seus pensamentos e pelos seus atos, sejam públicos ou ocultos. Caracterizava o Espiritismo como uma doutrina sem tabus, sem sistemas de condenações, sem códigos de proibição. Mostrava que a Doutrina não prescreve regras de vida privada nem se impõe pelo medo. Ao contrário, desperta no homem o sentimento de responsabilidade: cada qual é responsável pela sua consciência, cada qual deve saber o que deve e o que não deve fazer, como deve saber distinguir o que é lícito do que não é lícito, o que é digno do que é indigno.

Esta interpretação da Doutrina Espírita é uma novidade. Usualmente as religiões colocam-se como salvadoras do homem. Para nós, o que salva o homem não é o Espiritismo e, sim, a prática da caridade, entendida como atitude permanente de benevolência, indulgência e perdão. Assim, para o espírita, não há outro caminho senão o bem.

É verdade que o conceito de bem varia com o tempo, com o local. No entanto, não há dúvidas quanto à fraternidade, ao respeito, à tolerância, à solidariedade, à humildade, à modéstia, que são, dentre muitos, outros nomes do bem.

Recentemente André Trigueiro publicou pela Federação Espírita Brasileira: *O bem associado ao meio ambiente é uma questão do nosso tempo*. Mas a responsabilidade pessoal permanece.

A reencarnação diz ao espírita que todas as suas deficiências, assim como todas as suas boas atitudes constituem seu acervo espiritual e não desaparecem magicamente. Mais uma vez nos defrontamos com a responsabilidade e com o bem, numa questão antiga, mas bem atual.

As estruturas vibratórias do ser humano afetam seu perispírito e, por consequência, sua estrutura biológica. Do corpo para o espírito, o perispírito conduz as sensações. Do espírito para o corpo, o perispírito leva os sentimentos. Modelo organizador biológico, este corpo intermediário é plástico, mutável, de acordo com a maneira de ser, de pensar, de sentir do homem. É uma recente descoberta da ciência, mas sua estrutura depende do bem essencial.

Porque somos herdeiros de Newton e de Descartes, e de todo um paradigma que cultiva a objetividade, a racionalidade e o reducionismo, somos levados a acreditar que o bem, como a verdade, independe de nós.

No entanto, como somos herdeiros de Kardec, de Deolindo e de outras grandes almas pensadoras do bem, sabemos que há leis sábias, justas, perfeitas, imutáveis, que se projetam no campo da matéria como no campo social, todas elas originárias do divino campo moral. Pequeninos, vemos as mudanças e nos adaptamos a elas, na certeza de que caminhamos para um tempo novo sempre melhor. O bem é diretriz superior que pouco a pouco descobriremos. E cada descoberta aumentará a nossa responsabilidade, seja para com o meio ambiente, seja para conosco mesmos, seja para com o grupo social em que nos relacionamos.

É dessas diretrizes e responsabilidades que falamos neste número de nossa revista. Boa leitura e muita paz.